

AMAZÔNIA

Santiago do Chile, maio (Pela Panair do Brasil).

Pelo fato de ser chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil e passar o dia conversando sobre salitre, cobre, café, algodão, Inaco, Sumoc, etc., não se segue que o cronista virou economista; nem pretendo, nestas crônicas, tratar de assuntos que devem ser versados com as autoridades competentes. Mas acontece que hoje me levantei ligeiramente João Alberto, isto no melhor e no mais leve sentido da palavra, quero dizer: com uma idéia simples, generosa e salvadora na cabeça. Essas idéias que aparecem. Que fazer? Guardá-la, remoê-la, estudá-la, propô-la ao amigo no escritório, no bar? Não; quando se faz isso, a idéia começa a ser discutida, fica importante, vira obsessão. O melhor é passá-la adiante, vendê-la pelo mesmo preço que a comprei. Os economistas e políticos é que quebrem a cabeça estudando o caso, se é que êle merece estudo.

O melhor, aliás, é apresentar essa idéia sob a forma de uma pergunta, pois foi assim que ela me veio; uma pergunta que deixo aqui aos economistas e estudantes de economia: "Que aconteceria se amanhã Belém do Pará, Macapá e todos os portos do interior da Amazônia se tornassem, por lei, portos livres? Esta pergunta arrasta inevitavelmente outras: Quanto perderia a União de direitos de importação e que influência teria isso em seu orçamento geral? Quanto passariam a ganhar a União, os Estados, Territórios e Municípios através de outros impostos e taxas, como vendas mercantis, consumo, etc.? Que prejuízo a medida causaria à indústria nacional que vende àquela região produtos que passariam, provavelmente, a ser comprados no exterior? Que estímulo representaria a medida para o comércio, a indústria hoteleira e turística e afinal toda a economia da região? E sobre o nível de vida das populações, as possibilidades de emprego, etc., que repercussão teria? Uma vez que as comunicações terrestres com o resto do Brasil são mínimas, que dificuldade haveria para controlar o contrabando de mercadorias para outras regiões do país?

O Chile tem um porto livre, no extremo norte, Arica, e essa região está prosperando milagrosamente. Teve outro porto livre no extremo sul, Punta Arenas, e agora a missão de parlamentares que o visitou está fazendo aprovar no Congresso uma lei restabelecendo a liberdade de importações por ali, pois as restrições feitas beneficiaram apenas a Argentina; nessa região, os frigoríficos que trabalhavam anualmente com 990.000 animais passaram a matar apenas 200.000.

Não será isso uma solução provisória para a tristíssima situação da Amazônia? Ai está a idéia que me assaltou tomando café e lendo os jornais da manhã. Se não valer de nada, não faz mal — é grátis... 10/5/55 R. B.

Amazônia
10.5.55

278